

O DIA 18 de julho de 1993, o segundo do festival de música *country* e *folk* do Lions Club de Quyon, em Quebec, não podia ser melhor. O rio Ottawa deslizava, escuro e pachorrento, pela estreita faixa de areia da praia formada pela junção do rápido Quyon com seu coletor, mais largo, a uma centena de metros do recinto do *show*. Pelo meio-dia, o

palco estava montado e o lugar fervilhava de caminhões, barracas, bares e centenas de fãs.

Mal a primeira banda começou a tocar, Scott Smith, de 12 anos, Lonny Collier, de 15, e sua prima, Tera Mayhew, de 14, acharam que a água devia estar fresca e boa para aplacar o calor do meio-dia. Foram-se então para a extremidade da praia em forma de meia-lua, corre-

«Meu Deus, Dwight, olhe outro menino ali!»

LEVADOS PELA

ram para a água e atiraram-se, precisamente no ponto de confluência da corrente menor com a maior. Junto à costa, a água era quentinha e dava pelo joelho, mas a 2 m apenas à frente o pé de repente se perdia e a água era muito gelada. Os jovens puseram-se a brincar de uma corrente para a outra, curtindo a deliciosa sensação. Pouco a pouco, foram-se atrevendo a avançar pela

água fria, sem imaginar o rodado mortal que se agitava por baixo da superfície.

De repente, foi como se um gigante de dedos gelados agarrasse as pernas de Scott e o puxasse para o meio do rio, onde os *ferries* percorriam a distância de 1 km entre Quebec e Ontário.

O menino tentou manter a cabeça à tona da água e viu então o ros-

CORRENTE

MICHAEL WELZENBACH

to apavorado de Lonny emergindo a mais de 10 m e distanciando-se depressa.

Entre golfadas de água, Scott gritou para Tera:

— Segura a minha mão!

Ela correu para o limite dos bancos de areia e esticou o braço o mais que pôde. Scott lutou com todas as suas forças para alcançá-lo, mas, no momento em que o tocou, a corrente tornou a puxá-lo para trás e desta vez para mais longe.

Ele tornou a ver Lonny e, horrorizado, percebeu que o amigo, que não era bom nadador, ia sendo arrastado, a cerca de 40 m, para o centro da corrente principal. Em seguida, desapareceu.

Frenético, Scott voltou a investir contra a força da água, procurando se aproximar da praia onde Tera continuava a gritar por socorro. Quase conseguiu, mas o rio voltou a arrebatá-lo. Sem forças, percebeu que não iria agüentar. «Vou morrer afogado!»

Lembrou-se então de que estava no local exato onde, há 23 anos, ao mergulharem do cais próximo dali, dois tios seus tinham encontrado a morte. A água parda se abateu sobre sua cabeça e ele se sentiu arrastado para o escuro gelado e desconhecido.

PERTO da outra extremidade da praia, mais próximo do recinto do festival, Dwight McMillan, de 39 anos, diretor de uma firma de transportes da cidade de Ottawa, e seu jovem sobrinho Ryan Hamilton divertiam-se atirando água um no ou-

tro. Darleen, a mulher de Dwight, entretinha-se conversando ali por perto.

Mas, acima da algazarra dos alto-falantes do palco e da multidão, houve qualquer coisa no tom dos gritos dos garotos que brincavam do outro lado da praia que atraiu sua atenção.

— Dwight — chamou ela —, acho que aqueles meninos ali estão com problemas!»

Dwight mandou o sobrinho parar e olhou para a praia. Viu uma menina com as mãos na cabeça que olhava para a água e gritava. Agarrou Ryan, passou-o a Darleen e depois começou a nadar com força ao longo da língua de areia, espadanando água pelos baixios, enquanto se dirigia a Tera.

— Depressa! — gritava ela, em lágrimas, quando Dwight chegou perto. — Ele está ali!

Logo a seguir aos bancos de areia, Dwight avistou uma cabeça que afundava nas águas escuras.

Ele tivera aulas de mergulho durante dois anos, mas mesmo assim se admirou com a força da corrente. Viu-se obrigado a fazer um grande esforço para não se ver dominado por ela.

Acabou conseguindo apanhar, 3 m abaixo, o garoto, magrinho e frágil, que se debatia e que estava prestes a desfalecer. Rodeou-lhe o peito com o braço, fincou os pés na areia pouco firme e bateu as pernas em direção à superfície. Apesar de sua constituição forte, ofegava quando alcançou a costa com Scott a reboque

to apavorado de Lonny emergindo a mais de 10 m e distanciando-se depressa.

Entre golfadas de água, Scott gritou para Tera:

— Segura a minha mão!

Ela correu para o limite dos bancos de areia e esticou o braço o mais que pôde. Scott lutou com todas as suas forças para alcançá-lo, mas, no momento em que o tocou, a corrente tornou a puxá-lo para trás e desta vez para mais longe.

Ele tornou a ver Lonny e, horrorizado, percebeu que o amigo, que não era bom nadador, ia sendo arrastado, a cerca de 40 m, para o centro da corrente principal. Em seguida, desapareceu.

Frenético, Scott voltou a investir contra a força da água, procurando se aproximar da praia onde Tera continuava a gritar por socorro. Quase conseguiu, mas o rio voltou a arrebatá-lo. Sem forças, percebeu que não iria agüentar. «Vou morrer afogado!»

Lembrou-se então de que estava no local exato onde, há 23 anos, ao mergulharem do cais próximo dali, dois tios seus tinham encontrado a morte. A água parda se abateu sobre sua cabeça e ele se sentiu arrastado para o escuro gelado e desconhecido.

PERTO da outra extremidade da praia, mais próximo do recinto do festival, Dwight McMillan, de 39 anos, diretor de uma firma de transportes da cidade de Ottawa, e seu jovem sobrinho Ryan Hamilton divertiam-se atirando água um no ou-

tro. Darleen, a mulher de Dwight, entretinha-se conversando ali por perto.

Mas, acima da algazarra dos alto-falantes do palco e da multidão, houve qualquer coisa no tom dos gritos dos garotos que brincavam do outro lado da praia que atraiu sua atenção.

— Dwight — chamou ela —, acho que aqueles meninos ali estão com problemas!»

Dwight mandou o sobrinho parar e olhou para a praia. Viu uma menina com as mãos na cabeça que olhava para a água e gritava. Agarrou Ryan, passou-o a Darleen e depois começou a nadar com força ao longo da língua de areia, espadanando água pelos baixios, enquanto se dirigia a Tera.

— Depressa! — gritava ela, em lágrimas, quando Dwight chegou perto. — Ele está ali!

Logo a seguir aos bancos de areia, Dwight avistou uma cabeça que afundava nas águas escuras.

Ele tivera aulas de mergulho durante dois anos, mas mesmo assim se admirou com a força da corrente. Viu-se obrigado a fazer um grande esforço para não se ver dominado por ela.

Acabou conseguindo apanhar, 3 m abaixo, o garoto, magrinho e frágil, que se debatia e que estava prestes a desfalecer. Rodeou-lhe o peito com o braço, fincou os pés na areia pouco firme e bateu as pernas em direção à superfície. Apesar de sua constituição forte, ofegava quando alcançou a costa com Scott a reboque

e arrastou seu corpo flácido para a areia.

O menino demorou apenas um instante para recobrar a consciência e perceber onde estava. Tossiu e vomitou água. Depois, olhou para as cabeças debruçadas sobre ele e disse com voz assustada:

— Vocês não nos ouviram? A gente não estava brincando!

Tentou sentar-se e, trêmulo, apontou:

— Meus tios morreram ali mesmo.

Foi quando Darleen gritou, apontando para o canal principal de Ottawa:

— Meu Deus, Dwight, olhe outro ali!

Dwight não conseguiu ver logo, mas então apareceram uma cabeça e uns braços no ar a cerca de 60 m.

— É o Lonny — gemeu Scott.

De cenho franzido, Dwight mediu a distância. Estava cansado e, além disso, não era grande nadador de superfície, mas resolveu se atirar de novo na água porque não restava outra esperança para o menino.

Avançou pelos baixios e voltou a imergir na água agitada. No fim de 1 minuto, nadando tão depressa quanto pôde, parou para tomar fôlego e olhar em volta. A princípio, só viu um *ferry* enorme largando do lado de Ontário. Estaria atrasado demais para o salvamento?

Viu então o rapazinho a cerca de 10 m, impotente diante da força das águas que o arrastavam. Investiu de novo. Mais perto, percebeu que ele era bem mais corpulento que o ou-

tro, quase tão forte como ele próprio.

Nesse momento, Lonny agitou freneticamente os braços. Tinha-o visto.

— Socorro — gritou, engrolado, mal conseguindo pôr a boca fora da água agitada.

— Estou indo — respondeu Dwight. — Fique calmo.

Com cuidado, esticou o braço para pegar Lonny, mas este investiu em sua direção, e Dwight afastou-se.

— Calma! — gritou asperamente. — Se você me agredir, não vou poder ajudá-lo.

Lonny não respondeu e começou a afundar. Dwight tinha de tentar agarrá-lo. Mas mal o fez, o menino, desesperado, agarrou-se a ele com toda a força, tentando vir à tona. Com isso, arrastou então Dwight para baixo. Este engoliu água, repeliu-o, inspirou e mergulhou, preso àqueles dedos feitos garras que poderiam provocar a morte de ambos.

Tornou a voltar à superfície e viu que estava mesmo em apuros. O menino continuava agarrado a ele, mas Dwight precisava de toda a sua energia só para se manter à tona da água. Os braços e as pernas doíam-lhe; ele se sentia pesado e se movia com dificuldade, de tão exausto. Enervado, empurrou Lonny e gritou:

— Quer ficar calmo?

A corrente rápida arrastava-os com ela. Se era para voltar a terra, precisava agir rápido, mas Lonny começou de novo a imergir. Dwight olhou-o, tentando recuperar forças, enquanto o menino fixava nele um

olhar que ele nunca esqueceria. Naqueles olhos, tomados de pavor, ele viu acusação e desespero, medo e a certeza da morte. E eles não se desviaram dos seus enquanto ele submergia.

Dwight recordou então a primeira vez que mergulhara em profundidade numa represa, no ano anterior. Para vencer a força ascensional natural, o instrutor amarrara pesos em sua cintura, obrigando-o a mergulhar 20 m nas profundezas sombrias. Mas ele acabara preso na saliência de uma rocha. Incapaz de se orientar e já começando a entrar em pânico, acabou por pensar: «Vou ficar calmo!» Virou-se para ver para que lado iam as bolhas da garrafa de oxigênio, livrou-se do peso do cinto e seguiu-as até a superfície.

«Calma!», pensou também naquele momento. O *ferry* passava a apenas 30 m, mas os passageiros nada haviam percebido. O menino desaparecera e Dwight tinha de mergulhar de novo para encontrá-lo. Estava exausto, mas lembrou-se daqueles olhos no momento em que imergia e ganhou forças. Encheu os pulmões num derradeiro esforço e bateu as pernas rumo às profundezas escuras. A imagem do rosto ansioso de sua mulher não o largava. Voltaria a vê-la?

Na margem, Darleen perscrutava a superfície do rio, mas não enxergava nada. Os segundos transformaram-se em minutos, e nas águas escuras não havia sinal do marido nem do menino. «Que horror voltar para casa sem seu amor de 20

anos», pensou ela, levando as mãos à boca.

GRANDE parte do percurso do rio Ottawa é cheio de destroços. São troncos afundados, perdidos durante mais de um século de serração de madeiras. Esses troncos soltam tanino na água, que é o que provoca sua cor marrom-escura. Dwight não conseguia ver um palmo adiante do nariz.

Seus pulmões reagiram quando ele forçou aquele mergulho na escuridão. O som de um barco a motor que passou por cima fez-lhe lembrar a luz do Sol e o ar fresco da superfície.

Foi mais fundo, com a pressão da água lhe torturando os tímpanos. O menino não podia ter ido muito mais fundo tão depressa.

Cinco metros abaixo, tocou com a mão no corpo dele e envolveu-lhe o peito com os braços com todas as forças que tinha. Não houve resistência, e Dwight nadou em direção à luz do dia.

DARLEEN sentiu um calafrio ao ver Dwight emergir de repente da água devido ao esforço, e com Lonny nos braços.

Nesse momento, dois jovens se aproximavam da praia no pequeno bote de pesca azul que passara por cima do drama que se desenrolava sob a água.

— Vocês têm de voltar! — gritou Darleen, correndo para o barco e apontando para Dwight e Lonny. — Lá a coisa está ruim.

Os homens olharam para onde ela apontava e, sem uma palavra, deram meia-volta e foram para junto dos nadadores em apuros.

LONNY Collier pouca resistência ofereceu quando Dwight segurou-o e emergiu para respirar. Dwight bateu as pernas para flutuar e olhou em redor para se orientar. À deriva, corrente abaixo, viu uma nesga de terra abaixo da praia. A corrente continuava arrastando os dois. Se ele conseguisse virar para a esquerda, talvez pudesse chegar lá antes que suas pernas e pulmões cedessem. Agarrou Lonny com toda a força e começou a nadar de lado em direção à costa.

Lonny começou a recuperar os sentidos, e Dwight percebeu que a luta ia continuar. Era preciso atingir águas menos profundas antes que o menino voltasse a puxá-lo.

Foi então que, vinda ele não sabe de onde, a embarcação surgiu a seu lado. Mas, com apenas 4 m de comprimento, era pequena demais para os dois poderem entrar. Lonny começou a se debater para subir, mas estava muito fraco. Dwight conseguiu se agarrar ao barco com um braço e com o outro segurou bem Lonny para evitar que ele o virasse.

Sem terem pronunciado uma palavra, os dois homens viraram a proa e embicaram para a praia. Dwight não pensara que estivessem tão longe. Darleen sentiu os olhos se encherem de lágrimas à vista do barco que lhe devolvia o marido. Ryan, Terra e Scott estavam a seu lado, mas,

das pessoas que assistiam ao festival, mais ninguém percebera a luta de vida ou de morte que se desenrolara ao largo.

Os pescadores largaram os nadadores exaustos junto à praia. Após um último esforço, estes deixaram-se cair na areia e desmaiaram. Dwight ficou como morto durante muito tempo, sem sequer conseguir mexer a cabeça. E ainda tombou diversas vezes antes de conseguir se levantar.

— Pensei que não ia te ver mais — disse Darleen, abraçada a ele.

— Eu também achei que nunca mais te via — ecoou Dwight.

OS DOIS pescadores desapareceram silenciosos, sem que Dwight tivesse tido oportunidade de lhes perguntar os nomes. E nem com o anúncio que pôs nos jornais ao longo de semanas voltou a saber deles.

Os meninos se recuperaram depressa da terrível odisséia, e Dwight, depois de descansar uma hora, arranjou energia para voltar ao *show*. Durante o resto do dia, Lonny ficou colado a ele como uma sombra, dizendo a quem passava:

— Foi ele quem me salvou a vida.

Scott passou o resto do dia dormindo, mesmo com o barulho da música. Teve pesadelos terríveis, mas, graças a Dwight, pôde acordar deles.

Em dezembro de 1994, Dwight T. McMillan recebeu do governador-geral a Medalha por Coragem. Em fevereiro de 1995, foi a vez da Medalha Carnegie, concedida pela Comissão do Carnegie Hero Fund.

